

PROFESSORA Luciane Ribas de Andrade -

luciane-randrade@educar.rs.gov.br

ÁREA das Linguagens

DISCIPLINA: Literatura Brasileira

ATIVIDADE REFERENTE AO MÊS/PERÍODO DE: 1º a 31 de OUTUBRO/2021

NOME DO ALUNO: _____ EJA - TOTALIDADE: 8 - TURMA:80

➔PESSOAL➔seguiremos nossos estudos no Romantismo. No material da EJA (LIVRO) – para quem tem o livro – está na pág.(186 e 187). O Romantismo foi dividido em “fases” ou “gerações”. Vamos a elas!

ROMANTISMO – como já vimos nas aulas anteriores, o Romantismo... *“Coincide com o momento decisivo da definição da nacionalidade, com propósitos expressos de reconhecer e valorizar o nosso passado histórico, embora recente, as nossas origens americanas, as tradições e lendas esboçadas, e de investigar o nosso folclore.[..].*

➔Buscando valorizar o nosso passado histórico➔e contribuindo para a construção de nossa identidade nacional➔a Literatura trouxe o INDÍGENA PARA SEUS POEMAS E ROMANCES➔ na figura de um ser heróico, um legítimo ancestral de quem o brasileiro só poderia se orgulhar. Também a aceitação do pensamento relativo ao “bom selvagem” de Jean Jacques Rousseau – que considera o homem como naturalmente puro, corrompendo-se em contato com a civilização – contribuiu para a imagem do indígena que se foi construindo.

Vamos refletir a partir de dois textos que têm a presença do elemento indígena – um do século XIX – escrito por um dos maiores expoentes do Romantismo Indianista de 1ª Geração, Antônio Gonçalves Dias; o outro – do século XX – trata-se da letra de uma música de Marcos Valle, Paulo Sérgio Valle e Vinícius Cantuária.

Canção do Tamoio
(natalícia)

I

1. Não chores, meu filho;
2. Não chores, que a vida
3. É luta renhida:
4. Viver é lutar.
5. A vida é combate,
6. Que os fracos abate,
7. Que os fortes, os bravos,
8. Só pode exaltar.

II

1. Um dia vivemos!
2. O homem que é forte
3. Não teme da morte;
4. Só teme fugir;
5. No arco que entesa
6. Tem certa uma presa,
7. Quer seja tapuia,
8. Condor ou tapir.

III

1. O forte, o cobarde
2. Seus feitos inveja
3. De o ver na peleja
4. Garboso e feroz
5. E os tímidos velhos
6. Nos graves concelhos,
7. Curvadas as frentes,
8. Escutam-lhe a voz!

IV

1. Domina, se vive;
2. Se morre, descansa
3. Dos seus na lembrança,
4. Na voz do porvir.
5. Não cures da vida!
6. Sê bravo, sê forte!
7. Não fujas da morte
8. Que a morte há de vir!

V

1. E pois que és meu filho,
2. Meus brios reveste;
3. Tamoio nascente,
4. Valente serás.
5. Sê duro guerreiro,
6. Robusto, fragueiro,
7. Brasão dos tamoios
8. Na guerra e a na paz.

VI

1. Teu grito de guerra
2. Retumbe os ouvidos
3. D´imigos transidos
4. Por vil comoção;
5. E tremam d´ouvi-lo
6. Pior que o sibilo
7. Das setas ligeiras
8. Pior que o trovão

VII

1. E a mãe nessa tabas,
2. Querendo calados
3. Os filhos criados
4. Na lei do terror;
5. Teu nome lhes diga,
6. que a gente inimiga
7. Talvez não escute
8. Sem pranto, sem dor!

VIII

1. Porém se a fortuna,
2. Traindo teus passos,
3. Te arroja nos laços
4. Do imigo falaz!
5. Na última hora
6. Teus feitos memora,
7. Tranquilo nos gestos,
8. Impávido, audaz [...]

Gonçalves Dias

ATIVIDADES➔ 1ª QUINZENA

ESTUDO DO TEXTO:

- 1) OBSERVE A FORMA DO TEXTO➔ ESTÁ ORGANIZADO EM OITO (8) ESTROFES; está dividido em oito (8) CANTOS. **AGORA VOCÊ➔MARQUE AO LADO DOS VERSOS, AS RIMAS➔ use canetas coloridas.**
- 2) A “Canção do Tamoio” consiste no discurso de um pai tamoio ao filho que acaba de nascer (por isso “natalícia”), expondo-lhe seu conceito de existência. A partir da leitura do texto, diga qual é o conceito de existência que o pai espera do filho?

3) O poema retrata um costume indígena: o **ritual de antropofagia** – o do sacrifício do prisioneiro que seria devorado no ritual antropofágico e que por isso teria o direito de cantar seus feitos. LOCALIZE EM QUAL ESTROFE ISSO ESTÁ REPRESENTADO: _____

4) OBSERVE → O índio retratado por Gonçalves Dias é **idealizado** → os românticos o submeteram a um processo de DEFORMAÇÃO IDEALIZANTE, conferindo-lhe um comportamento semelhante ao que os escritores europeus enxergavam nos cavaleiros medievais que povoavam suas narrativas históricas. Essa deformação parece ter brotado da necessidade de encontrar para o Brasil um passado tão nobre quanto a Idade Média teria sido para a Europa. Gonçalves Dias não conseguiu evitar essa tendência de idealização do índio, apresentando-o como um “cavaleiro medieval vestido de penas”.

REFLEXIONE → HOJE, esse elemento formador do povo brasileiro está longe desta “idealização”. As doenças que os atacaram e os quase exterminaram quando da chegada do homem branco – no século XVI – continuam aí. Exemplo disso é o COVID-19, que tem atacado as tribos – até mesmo as mais remotas. Leia o quadro :

“Dentro das aldeias, o idoso que pega covid-19 não tem como se isolar, não é como o branco que fica trabalhando em casa. Ele sempre está preocupado com seu povo. Não temos estrutura dentro da aldeia, não temos hospital de campanha”, explicou ao Nexo Alessandra Karap, liderança Munduruku.

Link para matéria: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/06/21/Como-a-morte-de-idosos-por-covid-19-abala-comunidades-ind%C3%A9genas>
© 2020 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98.

O índio é o Brasil

É... Brasil é o índio
É... e o índio é o Brasil

Tupi, Tamoio, Tapuia, Tupinambás
Gente que a gente nem sabe mais
Gês, Kaiapó, Kaingangs, Aimorés
Dos rios e matas Igarapés

Tudo isso é... Brasil é o índio
É... e o índio é o Brasil

A terra é Bororó
Cerrado é Kayapó
São donos disso aqui
Não tem mais Guaikurus, Goitacás
Os rios tão sujos demais

Tupi, Tamoios, Xavantes, Pataxós
Ianomâmis, Kaiapós
Jês, Tremembés, Kaingangs, Aimorés
Esse é o Brasil que a gente quer

Tudo isso é... Brasil é o índio
É... e o índio é o Brasil

Marcos Valle, Paulo Sérgio Valle e Vinícius Cantuária. “Escape”. São Paulo: Trama, 2020

EXPLIQUE → Sabemos que a COVID-19 ATACA OS VELHOS – grupo de risco da doença – Qual é o impacto deste fato nas comunidades indígenas? (PARA RESPONDER ESSA QUESTÃO, VOCÊ PRECISARÁ BUSCAR QUAL É O PAPEL DO VELHO NAS SOCIEDADES INDÍGENAS).

EXPLIQUE → a “DINÂMICA” que remonta ao Brasil Colônia continua a mesma: QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS POR LEVAR AS DOENÇAS PARA AS TRIBOS? (E DEVEMOS LEMBRAR QUE MUITOS INDÍGENAS IDOSOS VIVEM EM ÁREAS DISTANTES ATÉ DA ATENÇÃO MÉDICA BÁSICA).

- 5) A relação do nativo com a natureza também é evidenciada na **música**. Destaque o(s) verso(s) que expressa(m):
- Elementos próprios do ambiente em que, tradicionalmente, vivem os indígenas.
 - Relação entre a destruição da natureza dos nativos.

ATIVIDADES → 2ª QUINZENA

→ Leia todos os textos que seguem.

→ O Romantismo de 2ª fase ou 2ª geração apresenta os seguintes representantes - obcecados pela temática da morte:

Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n' alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Fagundes Varela

Cântico do Calvário

À memória de meu Filho
morto a 11 de dezembro de 1863

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!
Teto, - caíste! - Crença, já não vives!

Casimiro de Abreu

Meus oito anos

Oh ! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais !
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais !

Como são belos os dias
Do despontar da existência !
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor !

→ O Romantismo de 3ª fase ou 3ª geração tem seu ponto alto na voz do REPUBLICANO, ABOLICIONISTA e CONDOREIRO **Antônio Frederico de Castro Alves**.

Em meados do século XIX, esse poeta indignado e comprometido com

Vamos retomar uma data – 13 DE MAIO DE 1888 → DATA em que foi assinada pela Princesa Isabel, a LEI ÁUREA → declarando extinta a escravidão no Brasil → teoricamente livres, mas sem medidas que os integrassem à sociedade, os negros continuavam desprotegidos, discriminados e marginalizados.

O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão e a campanha abolicionista durou dezoito anos – de 1870 a 1888. Então, por mais de três séculos, o negro escravizado impulsionou a economia brasileira.

Entre 1550 e 1555, para substituir a mão-de-obra indígena, foram trazidos do continente africano cerca de quatro milhões de escravos. AQUI CHEGADOS, TODOS NÓS SABEMOS O HORROR QUE NOSSOS ANCESTRAIS NEGROS PASSARAM → HORROR!!!

VAMOS REFLETIR ESSAS LEIS → QUE FORAM GRADUAIS → OBSERVE → À MEDIDA EM QUE A MÃO-DE-OBRA ESCRAVA ERA SUBSTITUÍDA PELO TRABALHO ASSALARIADO:

28/09/1871: LEI DO VENTRE LIVRE → os filhos da mulher escrava, nascidos a partir dessa data, seriam considerados livres. Na realidade, porém, não houve alteração, pois o senhor da mãe conservava o direito aos serviços gratuitos dos menores até aos 21 anos completos.

28/09/1885: LEI DO SEXAGENÁRIO → declara livres os escravos com mais de 65 anos. Na prática, quem estava se libertando da responsabilidade era o dono de escravos, pois com 65 anos e após uma vida sofrida, essa mão-de-obra era improdutiva.

13/05/1888: LEI ÁUREA.

as causas de seu tempo escreveu poemas de engajamento com as causas ABOLICIONISTAS. Ele ficou conhecido como o POETA DOS ESCRAVOS. O poeta CONDOREIRO (poeta que possuía uma linguagem “elevada”, bem construída). Enquadrado na estética chamada ROMANTISMO de 3ª fase.

VEJAMOS ALGUNS DE SEUS VERSOS – RETIRADOS do belíssimo poema “NAVIO NEGREIRO”, da obra “OS ESCRAVOS”.

O Navio Negreiro

Tragédia no mar

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... Estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... O chicote estala.
E voam mais e mais...

Os versos de Castro mostram o momento de trazida dos negros africanos para o Brasil – EM SITUAÇÃO DE ESCRAVIDÃO. Em relação ao fragmento do poema de Castro, responda:

- 1) Em que situação vinham essas pessoas, segundo o texto?
- 2) No fragmento temos como dizer quem eram – descreva-os.
- 3) Procure no dicionário o significado da palavra “dantesco”. Explique: era um “sonho” ou um pesadelo?
- 4) Que “dança” é essa a que o texto se refere?
- 5) Por que “espectros”? Explique a palavra usada dentro do contexto do texto.
- 6) Explique quem é essa “serpente”.

→ Reflexione e escreva um parágrafo posicionando-se em relação ao que segue → Castro escreveu estes versos em 18 de abril de 1868, passados exatamente 153 anos; vivíamos sob a vergonha do momento escravocrata, neste país. E NOS ÚLTIMOS ANOS continuamos a assistir pelas diferentes emissoras de televisão, notícias terríveis de racismo, crimes hediondos têm sido cometidos e têm repercutido mundialmente.

→ A prosa ultrarromântica brasileira: “Noite na taverna”, texto de Álvares de Azevedo. LEIA O CONTO.

SOLFIERI

Sabei-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão pôr aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de...

As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. — A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei a aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela... e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como

gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento a noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu a ninguém: saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía as gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.

Aqui, ali, além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo-santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava: no sono da saciedade me vinha aquela visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Bárbara. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: nos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do deleite...

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida. — Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e o algoz, "do cadáver sem cabeça e o homem sem coração" como a conta Brantôme? — Foi uma ideia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo as despe a noiva. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármore antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Àquele calor de meu peito, à febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos empanados. Luz sombria alumiu-os como a de uma estrela entre névoa, apertou-me em seus braços, um suspiro ondeou-lhe nos beijos azulados... Não era já a morte: era um desmaio. No aperto daquele abraço havia contudo alguma coisa de horrível. O leito de lájea onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse instante ela acordou...

Nunca ouvistes falar da catalepsia? É um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiara. Embrucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudário como uma criança. Ao aproximar-me da porta topei num corpo; abaixei-me, olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja que aí dormira de ébrio, esquecido de fechar a porta.

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.
— Que levás aí?

A noite era muito alta: talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte: era fria.

— É uma defunta...

Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo morno. — Era a vida ainda.

— Vede, disse eu.

O guarda chegou-lhe os lábios: os beijos ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

— Boa noite, moço: podes seguir, disse ele.

Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo; e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço.

Quando eu passei a porta ela acordou.

O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela.

Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve como sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

À noite saí; fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera, e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano — noite a noite — dormi sobre as lajes que a cobriam. Um dia o estatuário me trouxe a sua obra. Paguei-lha e paguei o segredo... — Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho lhe queima assaz os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia e que sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele mister por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça e bebeu-a. Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bela Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra, eu vô-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

— Vede-la murcha e seca como o crânio dela!

→ Este texto é o 2º conto de "Noite na Taverna", ele contém muitas características da 2ª fase romântica.

A obra usa um artifício interessante: Jovens, reunidos em uma taverna suja e mal iluminada, são servidos de vinho por uma

taverneira. Pelos cantos mulheres embriagadas dormem – cada um deles, movidos pelo álcool, irá contar suas situações “densas” de vida. Movidos pela curiosidade, todos escutam a história a ser narrada. A história acima é narrada por “Solfieri”. Os títulos dos contos serão os nomes dos narradores. As histórias se passam na Europa. Após a leitura do conto, faça as atividades que seguem.

1-O ULTRARROMANTISMO é marcado pelo clima de um amor EXACERBADO. EXPLIQUE como isso se dá no conto.

2-Retire exemplo de SUBJETIVIDADE.

3-Onde se passa a história contada por “Solfieri” – qual seu espaço?

4-O ponto alto do conto – o seu clímax – acontece quando. Explique.

5-Procure no dicionário e copie o significado de “necrofilia”. Isso acontece no conto? EXPLIQUE.

6-Retrate momentos típicos de 2ª geração: a presença de álcool.

7-“Solfieri”, o narrador, dá provas do que aquilo que conta realmente aconteceu. O que ele tem e mostra que guardou como lembrança?

→ A prosa do Romantismo apresenta-nos OBRAS PRIMAS: “**Iracema**” (livro da EJA pág.188 – 190) e “**O guarani**”, de José de Alencar; “**Memórias de um sargento de milícias**”, de Manuel Antônio de Almeida; “**A Moreninha**”, de Joaquim Manuel de Macedo e outros tantos autores e obras. Leia-os, eles fazem parte do patrimônio Linguístico Nacional. Aproveite esse momento de reclusão forçada.

1. Leia o fragmento da obra “**Iracema**”, de José de Alencar:

II

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-se o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d’água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz à selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignoras armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz a espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

--- Quebras comigo a flecha da paz?

--- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

--- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

--- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos do tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1995, p. 16-1

VOCABULÁRIO:

Graúna: pássaro de cor negra.

Jati: pequena abelha.

Aljôfar: gotas de água assemelhadas a pérolas muito miúdas.

Ará: periquito.

Campear: viver em acampamento.

Crautá: espécie de bromélia.

Esparzir: espalhar.

Gará: ave típica de áreas pantanosas.

Ignoto: desconhecido.

Ipu: região de terra bastante fértil.

Juçara: palmeira de grandes espinhos.

Lesto: rápido, ágil.

Oiticica: árvore frondosa.

Quebrar a flecha: maneira simbólica de estabelecer a paz entre indígenas.

Rorejar: molhar com pequenas gotas como o orvalho.

Uiraçaba: estojo próprio para guardar e transportar flechas.

Uru: cesto em que se guardam objetos

Responder:

1- No capítulo lido, a personagem principal é apresentada ao leitor. Escreva algumas características dessa personagem:

- Características físicas:
- Habilidades (o que sabe fazer):

2- Localize no texto os parágrafos referentes:

- à situação inicial:
- à desestabilização da situação inicial:
- à volta a uma situação estável:

3- Ao perceber a presença de um estranho na floresta, Iracema tem uma reação instintiva e atira uma flecha no “guerreiro branco”.

- De acordo com o texto, por que o “guerreiro branco” não reagiu agressivamente ao “ataque” de Iracema?
- Como Iracema se sentiu logo depois de ter ferido o estranho? O que ela fez em seguida?

4- O que o primeiro contato entre Iracema e Martim, o “guerreiro branco”, revela sobre:

- O caráter das personagens:
- Um possível envolvimento amoroso entre as personagens:
- A visão do autor sobre a relação entre colonizador e nativo: